

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

Belem, do palacio maldito

Evocações num palacio historico — Os hospedes desafortunados — Os principes, os reis e os presidentes da desventura — A fatalidade num paço lendario — Uma má sina que não se quebra

Prepara-se tudo no palacio de Belem para receber o presidente eleito e assim como os marinheiros, nas horas do embarque, no tempo em que por ali era Restelo, antes de saltarem ás naus, se lembravam dos fantasmas do mar, do mesmo modo o nauta desta estranha viagem de quatro anos, deve saber dos duendes de má sina que por ali passeiam desde tempos velhos.

Fatidico é o paço belenense. Quem uma vez lá residiu, encontrou a infelicidade e os que ali incidentalmente habitaram, sofreram da má sina. As casas teem fisionomias e taras como os homens. Belem é o palacio da má ventura.

Seus meeiros em posse, D. Manuel de Portugal e D. Jorge de Mascarenhas, passaram a tormentosa vida de poetas e guerreiros malfadados, bem como o que vinculou os bens, Jeronimo Côrte Real, creador do morgadio para os Aveiros. Os reis hespanhoes perseguiram o primeiro, o autor da *Diana dos Ermitões*, aos outros ruins peripecias perturbaram suas vidas e D. Antonio, um irmão de D. João V, de lá safu turbado para ir morrer; D. Manuel, o outro mano real, de regresso do seu exilio glorioso da Austria, teve que fugir da residencia, para se ir enterrar em Belas, nas casas de Diogo Lopes Pacheco.

Encheu-se de pompa a velha moradia; estatuas niveas e bicas de aguas cantantes, embelezaram o parque, e, nas noites, como se acordassem de seus túmulos velhas sombras, as figuras pareciam vaguear e as aguas soltar gemidos. Os animais exóticos, trazidos das colonias, acordavam num grande bater de azas e os Tavoras, quando ali estiveram, na noite precedente do seu suplicio, ouviram os rugidos, vindos das leoneiras, gritos de hienas e vozes ásperas de tigres que pejavam os páteos em suas jaulas.

El-rei habitava a Ajuda e o paço creou maior legenda de fatalismo, desde que se tornou em ante-camara de cadafalso, nessa manhã nevoenta do castigo mal merecido. Como se tivessem ficado a pairar na *sala dos bichos* os queixumes dos condenados, as gentes do séquito e da côrte fugiam dos aposentos soberbos, dos jardins, das hortas e ninguem ia habitar o senhorial edificio, como se um ar de desgraça o enchesse.

Correram os anos e nem os francêses invasores quizeram fazer nele seu coito. Fechou-se a casa, e quando D. João VI voltou do Brazil, foi ali vêr passar a procissão do Senhor dos Passos, comeu uma laranja do pomar e recolheu á Bemposta, envenenado. Deixou-se entregue a criados o velho solar, com suas mobílias ricas, suas magnificas pinturas, suas sombras e vergeis e D. Maria II, ao acolher-se áquelas paredes, diante da revolução, foi para escutar a voz de Passos Manuel, forte e tribunicia, echoando revoltada diante duma côrte trémula. Os ministros empalideciam e as suas fardas vermelhas pareciam molhadas no sangue do seu colega Agostinho José Freire, áquela hora assassinado na Pampulha pela população, que lhe poz ao lado do cadaver retalhado uma conca destinada ás esmolas de seus funerais.

Hospedou-se ali o duque de Nemours, e, ao dirigir-se para França, partiu um braço; seu irmão, o principe de Joinville, ao cabo da albergaria, ia gerando uma guerra entre a França e a Inglaterra, por seu ímpeto em Balthurot; Amale foi alvo dum atentado no regresso e Amadeu de Saboya, destinado a um trono na península, retirou-se sem que lhe succedesse mal algum. Acompanhava-o o seu parente Eugenio de Carignan, logo caído nas redes duma pecadora tornada sua esposa morgantica e geradora de sua infelicidade.

Era o que tinha de ser, dizia-se. Espiritos fortes sorriam ao verem o par feliz, Isabel II e seu esposo, passeando nos jardins, ela com a sua graça de madrilena, ele com seu donaire cavalheiresco. Nesse ano de 1866 pareciam florir para os soberanos as rosas dos moitedos e no burgo tranquillo tudo lhes agradava entre festas, pompas e cortezias. De volta ao seu país, entenebreceu-se a politica e mal tinham volvido dois anos, já os tiros estalavam pelas *calles*, e o trono se aluía.

Mais uma vez Belem fôra fatal aos seus moradores e, no entanto, uma grande e dôce paz reinava nos salões, cresciam as flores e a resi-

dencia, com seu balcão aberto para o Tejo, seus varandins bem lançados e suas estatuas alvas requeimava o ar dôce de convidar ao repouso no meio do silencio vilarejo.

Amadeu de Saboya voltou, mas, depois de ter subido ao trono hespanhol; viera para ali curtir as magnas da decadencia.

Mais uma vez o velho Paço foi esquecido, desdenhado.

Todavia — em semelhante despreso — guardava galas e louçanias; es seus lagos espelhavam as arvores frondosas, seus pavilhões scintilavam, os terraços alargavam-se e as escadarias, gracios, só aguardavam pés de passantes. A *Caridade*, oferecendo o seio joven e formoso, aos labios do velho prisioneiro, manietado em ferros, chamava, com ternura, e acolho, assignada por Ludovici, o romano; *Cleopatra*, soltando o ultimo alento, era a expressão terrivel da dôr dos grandes da terra e as outras estatuas, em seus pedestaes, alastravam suas sombras na terra areada dos jardins.

Depois era o enxadrezado pavimento da *sala dos bichos*, em mar-mores ricos, jaspadas as paredes de medalhões de Cezares; e, em pedra opulenta de Carrara, D. João V sorria sob a sua cabeleira de aneis; a agua murmurava das bicas para as conchas e, como num recinto encantado, reinava a frescura, a elegancia e a paz.

De sala em sala maiores eram as maravilhas e ninguem habitava tais magnificencias. Alonso XII esteve lá e sentiu abalarem-se as cavernas do seu peito e o conde de Paris hospedou-se nessa residencia sofrendo da expulsão da França.

Foi o palacio de noivado de D. Carlos, que viu nascer nesse logar o primeiro filho do seu amor, o qual devia morrer ás mãos dos regicidas, bravamente, como um soldado, ao lado de seu pae.

E uma côrte moça, folgara por essas casas ricas, e as musicas tocaram, os bailes sucederam-se e ninguem via o passado, a ronda de duendes doutras edades, na sua passagem aiante: os meiros empobrecidos, os Tavoras na ilharga do cadafalso, os reis destronados, Alonso XIII a cuspir os pulmões!

Em 15 de novembro de 1889, um novo principe nascia e ia ser baptisado na capelinha palacega, e ainda mal sollara o primeiro vagido, vinha a noticia de que qualquer cousa se passara com outro Bragança, de alem mar. D. Pedro II, do Brazil, quasi no mesmo momento em que entrava no mundo um seu parente, embarcava no *Magôas*, perdida a corôa, desfeito o imperio. Seu genro, o conde de Eu, sua filha, a princeza Isabel — que tambem ali tinham vivido uns ternos mezes de noivado — eram os seus companheiros de eterno exilio.

E o principe que nascera, foi rei e logo destronado, após um banquete — a sua primeira gala de soberano nesse paço maldito — no qual tivera como conviva o presidente da republica do pats, de cujo solo trambulhara o imperador, no proprio dia do seu nascimento.

O pae, varado pelas balas, ali amara. Tudo lantasma, tudo duendes, tudo sangue e desditas reaes nessa mansão formosa, enquadrada de jardins, cujas rosas embalsamam os ares, casa de horrores, evocadora dos velhos paços lendarios, que parecem chamar como sereias e no fim cavam sepulturas.

*

*

Arrejou-se tudo aquilo; uma rajada de revolução passou.

Destinou-se Belem para residencia dos presidentes da republica. O pó da monarquia varrerá o vento da reftrega.

Um velho, todo embebido em ideal, formosa figura de avô, grave e comovedor, velhinho — Manuel de Arriaga — instalou-se e mal pensando, em sua filosofia, em toda a tradição das desditas, viveu entre as flores amadas e sob esses tectos da realzeza infeliz.

A historia do regimen novo escrevia-se nos mesmos logares, onde vibrara a antiga, e, numa noite, sentiu, tambem, todo o peso fatal dessa habitação. Tiros ribombaram do mar e como se ele, em vez dum amavel pensador, fosse um desses tiranos dos odios populares, passou foragido, na manhã amena de maio, ao som da rebelião e do terror. Fugiu para não mais voltar.

Acabava a sua carreira politica nessa casa de soberanos, povoada de pavores, entrecida de ruins presagios, mas tão linda, que mais lembra um refugio de amorosos do que um antro de desgraças profundas.

Continuava-se a desprezar o que as bocas do povo relembravam ácereas daquelas seculares paredes e um novo presidente entrou as portas pompesas.

Homem de cultura, feliz, politico endeusado pelas gentes das ruas, nas horas da sua rebeldia, penetrava além, como num tabernaculo que julgava devido ao seu prestígio. Habitara-se, de ha muito, a pensar nessa compensação e ele que fôra ministro do rei, e outr'ora, com sua pasta sob o braço, em Belem se curvara, estava agora no logar do amo e na apoteose de um povo.

O senhor conselheiro Bernardino Machado foi, no paço, mais do que um hospede transitorio; um soberano. Á sua volta instalou-se a magnificencia e, sendo delicadissimo, habilitado, de presença talhada para as figuracões teatraes, um dia sofreu o diacerante golpe dum tremendo cair de pano. Novas relumbancias de peças ecoaram. Dia e noite se ouviu o canhoneio e, dentro em pouco, o eleito, não tinha nem um só soldado a defendê-lo.

Olharia aquelas paredes tão vistosas, tão engalanadas, como se, de súbito, elas lhe mostrassem os horrores que as cimentavam. Abriam-se

covas fundas nos soalhos forrados de tapetes macios, e, como se todo aquele ceu do poder se formasse num inferno de torturas, chegaram os endemoninhados vencedores.

Três oficiais, cobertos pela poeira da luta, enegrecidos pela polvora, mal contendo a alegria do triunfo, apareciam-lhe a significar-lhe ter acabado o seu sonho nesse palacio velho.

Mais uma vez a fatalidade contagiava o morador da casa torturante.

Na sua frente escancararam-se as portadas e tão largas, tão vastas, que conduziam á fronteira, se abriam para a proscipção.

A fada do maleficio não lhe perdoara. Chefe de estado, expulso, talvez se lembrasse dos seus antecessores sacrificados e, empolgado pela mão forte e castigadora do destino, andou de terra em terra, como nas mágicas os reis desditosos, mas procurando ainda uma travesseira no palacio amaldiçoado, do qual a sorte o afastaria para sempre.

E que lindas e odorosas eram, por essa epoca, as roseiras de Belem!

Um outro hospede habitara as salas, sucedendo no hierarchico mando e no desafortunado destino.

Sidonio Paes, soldado dumas horas felizes, teve, entre aquelas paredes, amarguras sem par. Uma ala luzida de ajudantes, como numa garri-da fita da Nordisck, glabros, moços e de cordões de ouro pendentes dos hombros, o rodeavam. As multidões aplaudiam-no; galopava nas ruas como um principe cavaleiro e quando ficava só, no seu quarto, deviam aparecer, á sua nervosidade de epileptico, todos os que ali tinham gosado pompas e passado tormentos, a fauna regia e presidencial, que rira e chorara, enquanto imutaveis em seus jaspes. os Cesares, de faces olympicas, olhavam as bicas rumorosas e nos jardins as estatuas, indiferentes, em sua pedra, recolhiam mais ais daquela nova e garbosa vitima.

Um dia chegou em que saíu para voltar cadaver numa posta de sangue.

Mais um caíra como no fatal palacio da legenda, onde as noivas entravam para morrer.

Quem lhe sucedeu só desventuras passou. Penetrou ali como um ser altivo e saíu como um fantasma a vaguear entre vivos.

Dentro em pouco vão crear botõesinhos as rozeiras do palacio fatidico; as estatuas banham-se no luar e as vozes felizes aclamam um novo hospede dessa tradicional moradia de desventuras.

Vibram sãs alegrias nas ruas. Lá dentro os maus espiritos pedem sangue e desditas.

Estão, ha quatro anos, sedentos... Uma eternidade para eles!

A origem da Legião Vermelha

O assassinio dum auxilliar da policia — Os velhos crimes carbonarios — Como a autoridade prevaleceu — O crime da Boca do Inferno — Onde param os assassinos ?

Foi assassinado um homem que traia os companheiros entregando-os á policia. Aparece como um defensor da sociedade o morto e por causa da tranquillidade publica sacrificado. No cerebro daquelle operario fez-se luz e ele, que andara transviado, lançara-se do lado oposto, num bom movimento, oferecendo-se como um soldado para morrer na defeza dos bons principios.

Viera do contacto misterioso dos fabricantes de explosivos, do amago das perturbantes reuniões onde se exacerbam as imaginativas e onde qualquer humilde se julga um semideus desde que se vá imolar aos ideaes nem sempre bem expostos pelos chefes; tomara-se dum impeto, aquelle legionario vermelho, e, uma vez, em contacto com a autoridade, mudara de atitude, submettera-se ao seu criterio, cedera, compreendera o mal onde andara mergulhado e revirara o seu sentimento. Acordara nele um espirito novo; em vez duma alma de rebelde vibrava em seu íntimo uma vocação de policia. É assim que os seus superiores, aqueles que aproveitaram, em prol do sentimento social, as suas tendencias e habilidades apresentam esse Antonio Duarte, que, aos 22 anos, volta para traz na estrada da rebelião e, sendo valente, ousado, conhecedor do meio onde actuara, oferece tudo isso á republica para a salvar dos que, usando da materia de sua implantação — da dinamite de seu advento — a vão lascando, derruindo como se lhe roubassem a propria essencia.

Os antigos cúmplices do assassinado tem criterio diferente; não veem esse morto como um inimigo de crenças, mas como um espião metido em seus segredos para, em certa altura, necessitado de dinheiro, vender á autoridade tudo quanto aprendera àcerca deles nos tempos em que a seu lado militava.

Jamais se queimara numa fé partidaria; esse Antonio Duarte, de 22 anos, ensaiava um meio de vida. Praticamente, como quem se habilita a um emprego, entrara nas combinações e delatara-as. Entregara-se, ousadamente, a essa profissão como Vidocq passara de grilheta a chefe da segurança.

Naturalmente, nos seus conciliabulos, ameaçavam-no; sentiam repugnancia pelos actos praticados — talvez a policia pensasse do mesmo modo porque se ama a traição e se aborrece o traidor — e quando o viram baquear no seu novo posto, como punido, legitimamente, o encararam e não do mesmo modo sentimental que os dirigentes da secreta põem nas suas apreciações.

Para mim foi mais um crime politico neste romance russo em que todos somos personagens e que se não tem paginas poeticas apresenta algumas de peripecias avermelhadas pelo sangue de muitos inocentes e tambem de alguns culpados.

A tactica agora desenvolvida pelos chamados *INIMIGOS DA SOCIEDADE*, teve a sua génese, o seu periodo de formação, o seu espirito incubador nos tempos em que propagandeavam os crimes politicos aqueles que hoje os condenam. Os dinamitistas, os assassinos, os complotistas e os falsificadores, os fanaticos e criminosos vieram da educação carbonaria que os protegeu e os amou.

Podemos fazer um schema, um relatorio até, destas verdades sem par, dos primeiros élos da cadeia que deu o poder a uns e a morte a outros, que produziu o assassinio de D. Carlos, á traição, pelas costas, e levou ao poder o bombista Antonio Maria da Silva quando receoso, cheio de pavor, o senhor Afonso Costa decidiu governar de Paris onde são menos frequentes os atentados a politicos e onde os portugueses — mesmo os mais ofendidos — vão apenas para o goso, a rica pandega boulevardeira.

Em outubro de 1900 foi assassinado, na Boca do Inferno, em Cascaes, um homem chamado Nunes Pedro que roubava cartuchame da alfandega destinado aos revolucionarios republicanos. O cumplice fazia constantes pedidos de dinheiro — o ultimo era dum conto de reis, ainda ha pouco tive a certeza disso — e ameaçava com denuncias se não lhe satisfizessem a exigencia. Sabia de tudo quanto se passava em volta da Carbonaria, exactamente como o Duarte, agora morto, conhecia os processos da sua sucedanea e os ia revelar á policia.

Tinham-no obrigado a partir para Badajoz e deixavam-no sem recursos; ele solicitava-os, fazia a sua queixa e marcava a sua revolta. Atraram-no a Lisboa e decidiram acabar com as suas ancias de dinheiro. Era um traidor. Levaram-no a Cascaes e mataram-no. Os assassinos foram um empregado comercial, Domingos Guimarães combinado com outro de apelido Pereira Ribeiro. O cadaver appareceu na Boca do

Inferno que não emudecera com este terrível segredo. A policia cbteve, nesse dia, certezas espantosas, seguiu um fio que deixou quebrar-se nas suas mãos inhabeis, teve preso um regicida e nem sequer o suspeitou. Republicanos de certa categoria, até um professor, apareceram falados no tremendo caso e ninguem tratava o Nunes Pedro senão como um miseravel que se dispuzera a pôr-se a soldo da autoridade.

Era um traidor. A *Carbonaria* liquidava-o. Foi assim que se iniciou o movimento do crime politico em Portugal, após a morte de D. Carlos, que pode ter sido planeada por meia duzia, mas da qual aproveitaram até os que lhe babujavam a mão de beijos. Antes de matarem o rei, tratara-se, a sangue frio, do assassinio de João Franco e era tal a sêde de crimes, tão forte o desejo de victoria, atravez deles, sem detença e sem escrupulos, que quando se mostrou a um politico, hoje altamente colocado, o revolver empunhado por um dos agentes da cilada do Terreiro do Paço ele o beijou antes de o guardar. O *complot* do restaurant *Brebant* de Paris era para se matar o ditador, continuou-se na quinta da *Ché*, nos Olivaes — como se devem lembrar os da conjura — e após essa reunião um grupo subiu a *Avenida* para executar o mandato na pessoa do primeiro ministro.

Do recesso misterioso do carbonarismo e das reuniões dos altos politicos rebeldes saíu essa ordem de guerra sem treguas, essa furia que levava Alpoim a bradar no exilio para onde complacentemente o tinham deixado sair: « — *Olha, já morreu o canalha!* »

O finado que lhe merecia este epíteto chamara-se Carlos I e os labios que proferiam o improprio tinham-se colado varias vezes na sua mão real.

Mas o politico conspirava com os republicanos e estes collocavam tão superiormente as suas razões, que se descobriam diante das campas dos regicidas, incitando o baixo povo ao crime. Aqui t-ngo presente uma fotografia em que figuram alguns partidistas da republica, conhecidos, vestidos de negro — um deles de chapéu alto — curvados diante duma sepultura coberta de flores. Era a apoteose aos assassinos.

As tropas desfilaram após o triunfo republicano, diante desses mesmos covaes e a apologia do crime saíu das bocas dos poetas do partido e das de futuros presidentes; marcou-se na exhibição dos retratos dos matadores, e os seus nomes foram decorados nas cantigas do fado e entraram, com louvores, nos compendios de historia que as creancinhas leriam. Em todos os centros escolares do partido apareciam craionados Buiça e Costa e eu cheguei a ouvir um republicano categorisado dizer-me, mostrando-me um ramo enorme de rosas: « *Vieram das Necessidades e vão para a cova do Buiça* ».

Salvei uma flôr dessa ignominia como lhe declarei e ainda guardo as suas folhas sêcas numa caixa onde está tambem um singular

documento dessa época. Esperei e pacientemente espero, a hora em que ha-de ser tormenta o vento soprado pelos governantes de hoje.

Recordar tudo isto, quando as autoridades relembram o seu auxiliar assassinado por um camarada que se considerava traído, relembrar o crime de Cascaes, a salvadora morte de Nunes Pedro, parece apenas querer esboçar o primeiro capitulo do nascimento do que se chamava a *Carbonaria*, mãe do regimen, mas no intimo é chancelar a origem da *Legião Vermelha* agora tão detestada por seus mestres. E a proposito. Em que Penitenciaria, em que degredo, estão aqueles que depuzeram nestes termos diante da policia monarchica:

«... Terem deliberado fazer desaparecer o Manuel Nunes Pedro, visto ser prejudicial, pois podia revelar o segredo das associações revolucionarias, segundo as ameaças de denuncia que fizera».

Onde estão Domingos Guimarães e Pereira Ribeiro? Senão nos compendios de historia, ao menos em excelentes empregos. O que matou Sidonio Paes tem a protecção official de vultos republicanos que o sustentam e o acarinham, o consideram um bem ousado legionario vermelho.

O Pão do Eunucos

E se a monarchia tivesse aumentado o preço do pão? — Como falaria os agitadores. — Um povo que dança e uma moagem que canta. — O tipo único ou o aumento de salario. — Curiosa psicologia duma sociedade occidental.

Repito que todo o homem lasso na defesa da sua liberdade e do seu pão é tanto um escravo que lhe devemos o desdem aos eunucos destinado.

Em 1848, os franceses, ao som da romantica palavra de Lamartine, escreveram nas bandeiras da revolta: *Pão ou chumbo*. As barricadas ergueram-se — e os republicanos, que tanto falam nelas, e de cujos labios, do alto das taboas comicieiras, saiam apostrofes contra os exploradores do povo já esqueceram esses arrancos para se tornarem senhores praticos.

Se no tempo da monarchia um bando organizado — como é este da moagem — se lembrasse de impôr vontades, a agitação não pararia mais e o senhor Afonso Costa, em berros estridentes, apontaria ao governo o caminho da rua e ao regimen a cloaca maxima; gritaria que por muito menos tolerancias rolára no cadafalso a cabeça de Luiz XVI e, depois, buzinando o seu automovel-réclamo, aceitaria a defeza já se vê como advogado, — ele sempre separou a politica da profissão — dos maniganciantes de coturno. Foi o que praticou em relação ao monopolio dos fósforos. Outros, porém, com menos habilidades que os creadores de feridas avidos de enriquecer curando-as, os ingenuos, os sinceros, andariam vociferando, em presença das autoridades, diante de milhares de pessoas ter sido assim, por um aumento brutal de preço do pão, que começára a revolução francesa. Algum mais lido em historia seria capacissimo de relembrar a cabeça de Bailly e seus consocios, espetadas nos chuços, pingando sangue, regando as ruas e a bôca dum cadaver, atfulhada de farinha, num canto do velho Paris como simbolo e como exemplo.

Ter-se-hiam lido a *Lucta* as diatribes do senhor Brito Camacho e no *Mundo*, em parangonas, incitar-se-hia o povo ao comicio e ao desforço. No fundo dos seus palacios os moageiros tremariam, acomodariam nas malas de luxo a roupa branca, e, palidos, diante dos *chauffeurs*, evocariam a sua lealdade e ofereceriam massos de notas para os levarem, sem perigo e disfarçados, até á fronteira. Rejubilar-se-hia; o pão desceria de preço e apresentar-se-hia uma nova victoria do partido revolu-

cionario. Ficaria mais uma data de batalha e mais uma frase para juntar aos velhos conceitos: *Todo o homem que não defende a sua liberdade e o seu pão é um escravo.*

Pois bem, hoje não se produz o menor movimento, fóra do provocado pelos sindicalistas, sem criterio de força e sem largueza de observação. Duplicado o preço do pão os jornais dizem—eu só acredito quando o ouvir dos labios do ministro—que talvez se faça o tipo único, e que a moagem e a panificação, possivelmente, não terão duvidas em aceder, etc. Talvez? Não terão duvidas?! Que quere isto significar?

Uma reprovação do patronato subiu contra a greve; a maioria do operariado andou em bailes, descantes e comesainas pelas romarias e, como nos velhos tempos da felicidade, banzarream e cantaram ao desafio; as mulheres do povo rodopiaram na Atalaia e no Senhor da Serra e quando cortaram as fatias do seu pão, já mais caro, nesse 28 de agosto dos cirios e dos pagodes, ao falarem nesse aumento, souberam todos os patuscos d'arraial, dizer: Ora, quero lá saber... O patrão que pague!

Os foliões contavam com o burguês irritado—o estúpido—ao vêr a sua fabrica, a sua officina, a sua quitanda parada por causa duma mudança de preço de pão; o trabalhador não se ralava—o esperto—porque ele, que não se incomodou, agora, na sua grande maioria, para um intenso protesto, amanhã levedará numa gréve desde que não lhe deem mais salario.

E porque as donas das casas se confrangem, a moagem tem bons socios, o populacho sabe onde ha-de ir buscar recursos, a vida tornar-se-ha mais cara para *essa* classe media—a vil classe que vive entre a hipocrisia de se fingir rica só porque usa gravata—enquanto o operario manual não a sentirá. Ao mesmo tempo os chefes desses movimentos conduzem-nos sem garbo e sem arranco; parecem não ter confiança nas suas hostes, jamais provocam o comicio como faziam os republicanos, hoje vencedores e quando descem à rua armados nunca o fazem, como os burguezes de 48 aliados á turba para a defeza do seu pão, para o cantico da sua liberdade mas porque servem um politico imaginando servir um ideal.

Greves teem-se feito imensas; revoluções proletarias, em prol do barateamento da vida, nunca ninguem as tentou e, no entanto, quando se esboçou—toda a gente se lembra—esse primeiro ensaio de ataque aos açambarcadores de generos, em dois sabados seguidos, sentiu-se que os soldados estavam com os assaltantes.

Em Campo de Ourique um dos que guardava as talhas do azeite de um democratico, ganancioso e façanhudo, dizia para pobres que chegavam com suas garrafas: Ó mulher, vá buscar uma vazilha maior! Eu tambem tenho mãe! A propria guarda quedou-se após as primeiras investidas.

Que queria isto significar? A existencia de um povo farto de expoliações, uns homens fardados em colaboração espiritual com os outros. Pois bem; aquilo era um tremendo perigo porque poderia dar a hecatombe e fazer pagar os inocentes pelos grandes culpados. Palpitou-se, todavia, a marcha dos acontecimentos e a psicologia da materia prima com que se devia trabalhar. Os chefes desse movimento entreolharam-se e, como eram politicos e republicanos, tiveram medo de ir mais além. Dentro em pouco alguns deles passeavam de braço dado com os assaltados e a vida portuguesa continuou a rolar na sua lama, cada vez mais

alta, sem que se pensasse em baratear os generos, as casas, as roupas; avançou num regabofe de grandes e pequenos com um lema e um estribilho:

— Ora! pede-se ao patrão!

Este, por sua vez, delibera:

— Ora! pede-se ao freguês...

E como o cliente é o seu operario e o dos outros, a massa de trabalhadores de todas as classes, desde os guarda-livros aos limpa-retretes, entra-se na confusão e os augmentos de salario para cousa alguma servem. Ha, ainda, profissionaes que não podem exigir mais dinheiro, industrias que não teem possibilidade de arrancar ao publico um mesmo reduzido auxilio e, todavia, os que compõem aquelas agremiações ou professam estes meios de vida, ou clamaram contra o movimento ou, pelo menos, não levantaram a voz condenando quem vai enriquecer mais ainda. A imprensa — a que não exerce uma acção favoravel à moagem — foi obrigada a calar-se porque os seus operarios não quizeram trabalhar quando a tactica, em mãos habeis, seria diferente: só comporem os periodicos onde a guerra ao augmento do preço do pão se marcasse. Gritar-se-fa que era uma imposição de baixo; quem não a aceitasse, não defendesse o seu sentir. Para vencer todas as armas são boas.

Mas, enfim, julgo que todos estão satisfeitos, que vivo num país de loucos gosando da hora presente, sinto, em todos os portuguezes, um grande desprendimento pelo futuro; a ganancia é uma bandeira seguida com tanto culto como outrora os sagrados pendões religiosos, os ricos julgam assegurada as suas fortunas, os remediados paramentam-se melhor para fingir maiores opulencias e só nisso pensam; a população folga, o governo é a expressão de todo este estado dos espiritos, consubstancia o padrão portuguez, em setembro de 1923; os politicos agenciam a sua vidinha num ignobil caixeirato dos empresarios da nossa fome e a prova — a unica, a clara, a forte aquela que eu estampo como um estigma na cara de todos elles — é que nem um só appareceu a defrontar-se rijamente com esta forma de se transtornar a economia de um país sem solução aproveitavel para a coletividade.

Não acredito ainda o que a imprensa atribue ao senhor Joaquim Ribeiro, essa nota de que *«a moagem e a panificação talvez não se opo-nham ao tipo de pão unico»*, quando o dever do governo é obriga-los a ceder a tudo o que fôr de defeza dos que trabalham. Não o faz? Então, tudo o que eu imaginava acerca do politico, ruiará mas não se ficará sempre na mesma expectativa. Não creio, porem, no que se espalhou. O tipo de pão unico e barato, relativamente, fabricar-se-ha e muito honrado será quem o ordenar do alto já que não quiz ceder á pressão de baixo. Ou então... calu-se na lama de que é feita essa bola de ruim farinha, imposta a um país de escravos, pois não passa dum vil eunuco, todo aquele que não defende — como os proletarios e os burguezitos de 48 — a sua liberdade e o seu pão.

O sr. dr. Afonso Costa á margem de Lisboa

Do bife em sangue ao molho do povo — Uma conversa curiosa — O que o sr. Antonio Maria pensa dos policiaes — Receita para os lavar — Porque não houve viva da Costa.

O senhor Afonso Costa está na Serra da Estrela e ainda não se lhe fez uma romaria. Veio a Lisboa e o povo, outrora tão seu devoto, não o comeu aos beijos. Em compensação comeu êle, no Tavares, um grande bife em sangue, e enquanto se atochava foi ensinando ao chefe do governo a regra do bem viver. Claro que falava como se fosse quem tivesse de actuar, se estivesse neste goso do poder em vez de não poder largar o sacrificio de viver tão longe da sua patria, nesse negregado Paris.

— Pois se fosse eu — meu caro Antonio — ainda êles não tinham declarado não gostarem do pãozinho que se lhes dava e já tinham sido *passès au tabac*... olá!... E' simples... Duas boas datas de espadeirada pelos *flics*.

O presidente do conselho compreendeu. Julgou que os *flics* eram da guarda republicana e nessa tarde decidiu-se a mandar espadeirar, enquanto o senhor Costa, mergulhando o olhar no auditorio e molhando o seu pão no sangue do bife, continuou:

— Isto quem dá o pão dá o ensino... E' ditado muito velho cá da terra e eu apesar de viver em Paris, ainda não perdi, Maria amigo, o amor á minha Terra como esse senhor Chagas, que para lá anda, — acrescentou a parodiar o que o ministro em França diz em relação a s. ex.^a, ao qual chama: «êsse senhor Costa que para aí está». Os ditados, então... Olhe este de quem dá o pão dá o ensino serve que nem uma luva... A gente não tem nada com preço... Que o paguem... Também eu me sacrificio lá fóra para haver prosperidade cá dentro... *Un malheureux, Silva, un malheureux*...

O senhor Antonio Maria entendeu e mandou logo aviar uma receita para tanta desdita. Mais umas ajudas de custo.

Reinou, ou antes presidiu, uma grande alegria a êsse banquete pingue do Tavares e quando veiu o *champagne* e o senhor ministro do commercio em quartos, tão dobrada trazia sua alta estatura, a satisfação chegou ao auge.

— Lá foram corridos pela rua do Ouro acima... anunciou o recém-chegado.

Beatificamente, o senhor Costa sorriu. Sentiu que o seu conselho fôra transmitido pelo telefone e, de repente, franzindo a testa, inclinou-se um pouco para o seu amigo e perguntou-lhe qualquer coisa.

— Seis dos outros *flics*... — volveu com apurmo, parisienseamente, ao que pensou.

Ante o olhar de pasmo do grande estadista, da suprema mentalidade, êle acrescentou: *flics* à paisana. Seis...

Com efeito a porta do Tavares apresentava nesse dia, um curioso aspecto. Vagueavam em torno da casa, nas Gaveas e em S. Roque, individuos de aspecto tão estranho que, á saída, o senhor Costa recuou com aquela sensação que o fez descer de um electrico pelo mesmo logar por onde penetrou na Academia.

— Socegue, são os *flics*...

— Tão sujos... e logo ali, dentro do automovel, ensandwichado, á cautela, entre dois amigos—o lucilante homem de estado—deu uma receita para lavar espíões: é fazê-los ministros.

Decididamente não ha homem mais sabedor nem mente mais privilegiada. Ele sabe tudo, êle tudo prevê. Uma fada presidiu ao seu nascimento para o tornar ditoso e logo outra lhe proporcionou o numero de amigos suficientes para as amarguras da vida. Só uma vez—no Porto—lhe falhou a companhia. Data daí o seu horror a viver só, a não sentir em volta alguém, embora sejam simples polícias destinados a prender os que lhe queirã mal. Mas, emfim, desta vez não teve razão de queixa, nem mesmo por lhe falhar a manifestação da rua.

Não estranhou essa falta e nem daria pela ausencia do povo, se não ouvisse o seu *alter ego*, o seu germano, expandir-se: Que ingrata gente; chegas e não te vivam...

— Em Paris não ha viva da costa... volveu com o seu costumado espirito, o grande sacrificado da cidade da luz, sorrindo enternecido para o senhor Antonio Maria, muito pensativo com a receita de lavar os *flics*.

Da grandeza á decadencia bernardinica

Os antigos staques e as novas troças — O que nós dissemos e o que eles dizem — Como o viram e o veem — De tapetes a chisqueadores — O conselheiro e os ex-aconselhados

Quem diria ao senhor conselheiro Bernardino Machado que do apogeu para onde o lançaram os seus amigos jacobinos havia de cair na sua rude chacota.

Tudo se desmorona neste país. Dizem que está para abater o tunel do Rocio e o tecto da sala do Trono do palacio de Queluz; uma das colunatas dos Jeronimos tem falhas e a reputação do ex-presidente da republica é troçada.

Até aqui eram os monarchicos que o sovavam; o menor gesto, o menor acto, o mais leve passo do *El Presidente*, como lhe chamava Morote, davam longas colunas de prosa. Muitos artigos eu escrevi acerca do chapéu alto branco e da nacionalidade duvidosa do antigo conselheiro da corôa. Querelas sem conto pezaram sobre a minha gazeta; receios dos meus amigos massaram a minha sensibilidade; incomodos de deslocamento me pungiram e passei tardes na Boa Hora, a tomar responsabilidades, em lugar de tomar cervejas no Martinho, então, meu pousio habitual.

Mas que querem? Eu carecia desse divertimento. Ataqueei-o sempre com algum bom humor. Achava-o delicado em demasia para ser verdadeira tanta gentileza, recordava anedotas, dizia-o brasileiro. Ora, mas tambem os senhores Chagas e Magalhães Lima nasceram no Rio de Janeiro e nunca foram soldados portuguezes. Em Pelotas nasce toda a gente. Ele não era mau mas apenas atrevido. No fundo achava o mais lavado do que os outros, mais janota, e ainda muito mais atilado. O senhor Bernardino Machado sem aqueles exageros que prejudicam aos olhos serios dos analistas, seria o melhor homem da republica. Era necessario demoli-lo e ajudamos á demolição. Eis tudo. Isto, porém, nem foi difficil. Bastou desenganchar algumas molas da personagem e atrelar algumas bôcas de fogo do 1 de artilharia.

Nós, porém, que não eramos seus amigos, nem mesmo seus conhecidos, que tinhamos quando ele governava, sentido a populaça a ulular aos nossos ouvidos, sem o menor socorro da parte do chefe do governo, logo avisado, estavamos no mais pleno dos direitos de ir para a revo-

lução ou para o artigo de fundo, de correr riscos para vingar afrontas, ataques ou a politicas que nos chocava.

Agora, quem não tem autoridade para o troçar, para o chasquear, são aqueles que rastejavam na sua frente quando mandava, os que o enalteciam, o titulavam de superhomem nas gazetas, viviam perto dele, comiam á sua mesa e tocavam no seu copo em brindes affectivos. O adversario era eu; eramos nós. Os amigos, os defensores, os tapetes do paço, eram eles e, de subito — veja-se o que é esta infamia do mundo politico — começam a fazer-lhe o que nós lhe faziamos com a agravante da prosa, mal tratada, a situação de derrotado em que o ex-presidente se encontra e de todo o convívio mantido quando ele dirigia os negocios da nação.

O partido republicano dá-me razão. O que esbocei completa-o, presentemente, com a sua costumada maneira de tratar; não vejo uma gratidão surgir a colocar-se ao lado desse vencido. Quando devia rejubilar, medito.

Esse velho tem qualidades combativas e não perdôa; é activo na batalha; os outros, os seus amigos de hontem, tornam-se os corifeus do poder novo e eu, que fiquei no meu logar, e já vi castigado uma vez o senhor Machado sinto ser, para ele, ainda peor este novo suplicio que lhe inflingem.

Na *gare*, diante dos jornalistas, um presidente do conselho, um chefe politico, um bando do alto mando, troçou-o, sarcasmou-o, gargalhou á sua custa porque enviava a Afonso Costa cartas, missivas, conselhos. Alguem gracejou:

«—Conselhos... É um habito que lhe ficou de quando era conselheiro da monarchia.»

Esse grupo foi o que o elevou á presidencia da republica quando o mandaram eleger. A convicção de taes homens é exactamente como a dos gaiatos: ora se levam ás cavalitas, ora se atiram pedradas.

